

## A TRÉGUA DE NATAL Por Reinaldo V. Theodoro



Soldados alemães cantam junto a uma árvore de Natal numa trincheira, Natal de 1914.

A 1ª Guerra Mundial é considerada, com muita propriedade, um dos banhos de sangue mais terríveis da História. Nomes como Verdun, Somme e Passchendaele nos remetem a imagens de incontáveis cadáveres espalhados pelo campo de batalha e cenários de indescritível destruição. Certamente, não poderia nunca haver mensagens de paz e de esperança em um ambiente como este. Mas, quem pensa assim, está redondamente enganado.

No final de 1914, ocorreu um dos mais extraordinários incidentes da Grande Guerra e, talvez, de toda a História Militar: a “Trégua de Natal”. Começando na véspera ou no próprio Dia de Natal, a trégua cobriu cerca de 2/3 do front anglo-alemão, com milhares de soldados tomando parte. Ela foi totalmente não-oficial e sem qualquer acordo prévio. Foi um gesto espontâneo de boa vontade dos soldados, inclusive contrariando ordens superiores<sup>1</sup>. A confraternização, que a princípio valeria apenas para o dia de Natal, em muitos casos durou vários dias, embora esse tempo variasse de um local para o outro. Em pelo

menos uma parte da frente, a trégua ainda estava em vigor em março de 1915. Em alguns casos, ela só terminou quando as tropas foram substituídas, quebrando assim os “laços de amizade” que haviam sido criados.

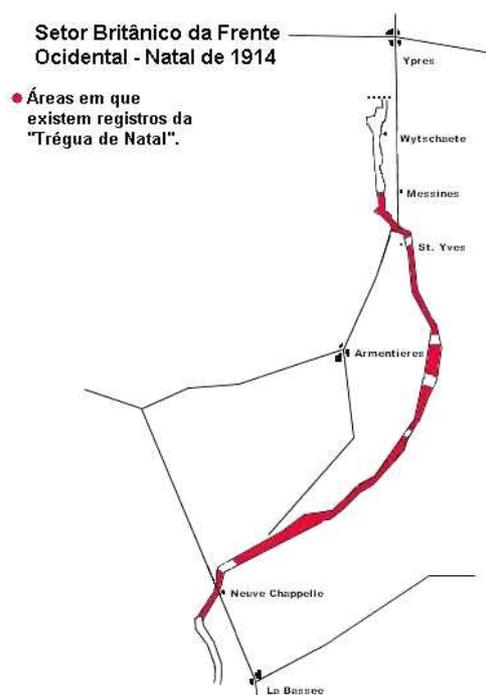
Nosso conhecimento a respeito da trégua é limitado às declarações dadas por testemunhas oculares. Ainda assim, existem suficientes registros confiáveis desses eventos (e até algumas fotografias) para nos convencer de que algo realmente extraordinário aconteceu no primeiro Natal da Grande Guerra.

Após a Primeira Batalha de Ypres, em novembro de 1914, as frentes de combate se estagnaram devido à chegada do inverno. Durante esse período, nenhum dos lados pôde realizar mais do que pequenos ataques locais, muitas vezes apenas para capturar prisioneiros e retornar às suas próprias linhas. As trincheiras de ambos os lados ficavam a apenas algumas dezenas de metros umas das outras, com a área entre elas sendo conhecida como “terra-de-ninguém”.

O Exército britânico mantinha uma linha de 43 quilômetros do saliente de Ypres até o Canal de La Bassée. Soldados de ambos os lados estavam restritos às suas trincheiras, expostos às intempéries, afundados na lama até os joelhos e sujeitos a uma morte violenta a qualquer momento. Num ambiente assim, é natural que qualquer evocação de períodos mais felizes (e qualquer ocasião podia ser mais feliz do que aquela) suscitasse nos homens desejos de paz, em particular no período natalino. Eles desejavam apenas ter um pouco de tranquilidade para realizar as comemorações de

<sup>1</sup> O comandante da Força Expedicionária Britânica, General Sir John French, expediu a 24/12/14 ordens a todas as unidades britânicas na França e em Flandres para que se mantivessem vigilantes, pois o inimigo poderia atacar no Natal ou no Ano Novo. Já o General Sir Horace Smith-Dorrien, comandante do 2º Corpo britânico, ordenou a seus comandantes divisionais que ressaltassem a todos os comandantes subordinados a absoluta necessidade de encorajar o espírito ofensivo das tropas e proibiu terminantemente qualquer tipo de trégua ou de “entrevistas amigáveis com o inimigo”.

Natal e “curtir” as lembranças de casa. Os alemães tinham um senso religioso mais arraigado que os britânicos, em particular quanto ao dia de Natal, que eles alegavam ser “invenção” deles<sup>2</sup>. Além disso, eles haviam criado o costume de decorar pinheiros no Natal e essa tradição havia sido introduzida na Inglaterra havia pouco tempo pelo Príncipe Alberto (embora ela ainda não estivesse muito difundida no Reino Unido em 1914).



Mapa das linhas britânicas no Natal de 1914.

Existem muitas histórias a respeito da “Trégua de Natal”, mas a maioria refere-se aos encontros de tropas britânicas e alemãs. Uma vez que eles se encontravam em terras estrangeiras, a ausência de um fator preponderante de ódio mútuo contribuiu para que assim fosse. Porém, também existem relatos similares envolvendo tropas francesas e até belgas, embora mais raras. Praticamente todas as narrativas indicam que a iniciativa partiu dos alemães e tomou várias formas. Em alguns pontos da frente, as tropas ouviam os soldados inimigos cantando cânticos de Natal e então começavam a “retaliar”, cantando também. Em outras ocasiões, gritos de “A Happy Christmas to you Englishmen!” eram abertamente lançados para as trincheiras britânicas, sendo cortesmente retribuídos. A partir daí, alguns soldados se dirigiam para a “terra-de-ninguém” e começavam as conversações de trégua local, visando à cessa-

ção de hostilidades no período natalino, logo seguidas de gestos de confraternização e de trocas de presentes, como cigarros, bebidas, jornais, etc. A artilharia na região, inclusive, ficou em silêncio durante toda a noite de Natal.

Os alemães, por razões ideológicas e de moral, enviaram árvores de Natal para as tropas no front (incluindo velas para decorá-las) e centenas delas iluminaram os parapeitos das suas trincheiras na véspera de Natal. Os soldados aliados podiam ver as luzes mas tinham dificuldade em compreender do que se tratava. Informavam o que viam a seus superiores, que suspeitavam então de algum ardil, chegando, em alguns casos, a abrir fogo contra elas. Mas os soldados britânicos logo ouviam as celebrações dos germânicos, com canções e felicitações.

Na área da crista de Messines, o *London Regiment* desfrutou de um período de trégua que durou vários dias. Em uma ocasião, uma patrulha britânica encontrou-se com outra alemã e os soldados começaram a conversar. Tratava-se de saxões, que revelaram não gostar dos prussianos. Disseram aos ingleses: “Matem todos e nós faremos a paz!”. Soldados ingleses chegaram a acompanhar serviços fúnebres alemães e trocaram impressões a respeito dos combates recentes, como se falassem de uma partida de futebol. Os ingleses ficaram estupefatos com a declaração dos alemães que julgavam que eles (os ingleses) tinham metralhadoras demais, quando, na verdade, eles não tinham mais nenhuma. Na última noite de 1914, um cabo alemão se dirigiu até as trincheiras inglesas para avisá-los de que um grupo de oficiais faria uma inspeção naquela noite e que talvez eles tivessem que disparar com suas metralhadoras, mas fariam o possível para que a trajetória das balas fosse bem alta. Contudo, alertava para que, mesmo assim, os britânicos mantivessem a cabeça baixa, pois “acidentes sempre podem acontecer”.

Um correspondente do jornal britânico *Daily Telegraph* escreveu que, em uma parte da linha, os alemães haviam conseguido passar um bolo de chocolate para as trincheiras britânicas. Junto do bolo veio uma carta pedindo o cessar-fogo para aquela noite para que eles pudessem comemorar a ocasião e o aniversário do seu capitão. Os britânicos concordaram e enviaram tabaco como presente. Às 19:30 h, os soldados alemães se ergueram de sua trincheira e começaram a entoar cânticos, com cada canção recebendo aplausos de ambos os lados. Os alemães então conclamaram os britânicos a cantar também, mas um inglês ainda um tanto belicoso gritou: “Preferimos morrer a cantar, alemão!”, ao que um bem-humorado germânico respondeu: “Vocês podem nos matar se cantarem!”

<sup>2</sup> O Espírito Natalino de fato era tão forte entre os alemães que existem relatos de árvores de Natal até nas ruínas de Stalingrado, em dezembro de 1942.

Ambas as nações tinham várias afinidades culturais e religiosas. Um alemão disse ao seu novo amigo inglês: “Nós somos saxões e vocês são anglo-saxões!” Em outro ponto da frente, soldados que eram barbeiros na vida civil fizeram cortes de cabelo gratuitos e, em outro, um mágico, com auxiliares de ambas as nacionalidades, fez uma apresentação na “terra-de-ninguém”. Um soldado inglês convidou um alemão para tirar uma fotografia ao seu lado e ele respondeu que queria fazer outra trégua no ano seguinte para poder ver como ficou. Em outro ponto, britânicos e alemães realizaram uma ceia de Natal, com direito a leitão assado. Há também registros de soldados ingleses pegando ferramentas emprestadas ao inimigo para melhorar as suas próprias trincheiras!

Graham Williams, um soldado inglês, escreveu para a sua irmã: “Eu já havia me recolhido para dormir. Então, meu amigo John me sacudiu e disse: ‘Venha ver! Venha ver o que os alemães estão fazendo!’ Eu peguei meu fuzil e, cautelosamente, levantei a cabeça acima dos sacos de areia. Eu não esperava ver uma cena tão estranha e adorável. Pequenas luzes estavam brilhando ao longo de toda a linha alemã, até onde a vista alcançava. ‘O que é isso?’, perguntei atônito, e John respondeu: ‘São árvores de Natal!’ E eram. Os alemães haviam colocado árvores de Natal em suas trincheiras. E então começamos a ouvir vozes que cantavam *’Stille Nacht, Heilige Nacht’*<sup>3</sup>.

Quando o cântico terminou, os homens na nossa trincheira aplaudiram. Sim, soldados britânicos aplaudiram os alemães! Um dos nossos homens começou então a cantar *’The First Nowell’*<sup>4</sup> e todos nós nos juntamos a ele.

Na verdade, não cantávamos tão bem quanto os alemães, mas eles responderam com entusiásticos aplausos e começaram a cantar *’O Tannenbaum’*. E assim continuou: eles cantavam uma, depois nós cantávamos outra, até que nós começamos a cantar *’O Come All Ye Faithful’*<sup>5</sup> e os alemães passaram então a nos acompanhar com as palavras em latim.

Britânicos e alemães cantando juntos através da “terra-de-ninguém”! Eu não podia pensar em nada que pudesse ser mais maravilhoso, mas o que aconteceu depois seria.

‘Ingleses, venham!’ ouvimos um deles gritar. ‘Vocês não atiram e nós não atiramos!’

Na trincheira, olhamos uns para os outros atordoados. Então um de nós gritou jocosamente ‘Vocês que venham aqui!’

Para nosso espanto, vimos dois homens se levantar da trincheira inimiga, ultrapassar seu arame farpado e avançar desprotegidos através da “terra-de-ninguém”. Um deles disse: ‘Mandem um oficial para conversar!’

Eu vi um dos nossos homens levantar seu fuzil e sem dúvida outros fizeram o mesmo, mas o nosso capitão ordenou que suspendessem o fogo. Então, ele foi se encontrar com os alemães. Nós os ouvimos conversando e, poucos minutos depois, o capitão voltou com um cigarro alemão na boca. ‘Nós fizemos um acordo para não atirmos antes da meia-noite de amanhã’, ele disse. ‘Mas as sentinelas têm que permanecer em guarda e o restante de vocês, fiquem em alerta’.

Através do terreno, nós podíamos ver grupos de dois ou três homens saindo de suas trincheiras e vindo na nossa direção. Então, alguns dos nossos subiram também e, em poucos minutos, estávamos todos na “terra-de-ninguém”, mais de cem soldados e oficiais de cada lado, apertando as mãos de homens que até poucas horas antes estávamos tentando matar!

Em pouco tempo, uma fogueira foi feita e nos reunimos em volta dela. Os alemães estavam mais bem trajados, com uniformes novos para a ocasião.

Somente um par de nós sabia falar alemão, mas muitos alemães sabiam o inglês. Perguntei a um deles a razão disso e ele respondeu que muitos deles haviam trabalhado na Inglaterra. ‘Antes de tudo isso, fui garçom no Hotel Cecil. Talvez eu tenha servido a sua mesa!’, disse um alemão sorrindo.

Ele me disse que tinha uma namorada em Londres e que a guerra havia interrompido seus planos de casamento. Eu lhe disse: ‘Não se preocupe. Nós derrotaremos vocês até a Páscoa e então você poderá voltar e casar com a garota’. Ele riu e então me perguntou se eu poderia mandar um cartão postal para ela e eu prometi que o faria.

Outro alemão havia sido um carregador na Victoria Station. Ele me mostrou uma foto de sua família em Munique. Sua irmã mais velha era linda e eu disse que poderia me encontrar com ela algum dia. Ele sorriu, disse que gostaria muito disso e deu-me o endereço de sua família.

Mesmo os que não conseguiam conversar podiam ainda trocar presentes – nossos cigarros pelos deles, nosso chá pelo seu café, nossa carne pela sua salsicha. Brasões de unidade e botões de uniforme eram trocados como souvenirs e um dos nossos rapazes ficou andando usando o infame capacete alemão de ponta! Eu troquei um canivete por um cinto de couro – um belo souvenir para mostrar quando voltar para casa.

Jornais também mudaram de mãos e os alemães riram muito com os nossos. Eles nos asseguram

<sup>3</sup> Noite Feliz.

<sup>4</sup> O Primeiro Natal.

<sup>5</sup> Adeste Fideles

ram que a França estava acabada e que a Rússia estava batida também. Nós dissemos a eles que aquilo era um absurdo e um deles disse: 'Bem, vocês acreditam nos seus jornais e nós acreditamos nos nossos'.

Eles estavam evidentemente relaxados e, depois de conhecer estes homens, me espanto em como nossos jornais haviam sido desonestos. Eles não eram os 'bárbaros selvagens' que nós havíamos lido tanto. Eles eram homens com casas e famílias, esperanças e medos, princípios e, sim, amor pelo seu país. Em outras palavras, homens como nós. Por que nós éramos levados a acreditar no contrário?

Eu estava começando a voltar para a minha trincheira quando um alemão mais velho segurou meu braço e me disse: 'Meu Deus! Por que não podemos ter paz para todos nós voltarmos para casa?' Eu respondi: 'Você tem que perguntar isso ao seu Imperador'. Ele olhou para mim sério e disse: 'Talvez, meu amigo. Mas também temos que perguntar aos nossos corações'.

Na frente do *Royal Welsh Fusiliers*, perto da Floresta de Ploegsteert, o Capitão C. I. Stockwell foi avisado às 13:30 h de que um grupo de alemães desarmados estava no alto da trincheira inimiga. Eles gritavam: "Não atirem! Não queremos lutar hoje! Nós vamos mandar para vocês um pouco de cerveja!" Então, três homens, desarmados, rolaram um barril de cerveja até o meio da "terra-de-ninguém". Apesar das ordens proibindo confraternizações, o Capitão Stockwell subiu no parapeito da trincheira e gritou, em alemão, que o capitão inimigo se apresentasse. Ele apareceu e caminhou para o meio da "terra-de-ninguém" e Stockwell então fez o mesmo. Eles se saudaram e logo alguns alemães se aproximaram e foram apresentados. Nenhum deles falava inglês, de forma que Stockwell teve que conversar sempre em alemão. Ele disse que tinha ordens de não confraternizar, ao que o alemão respondeu que suas ordens também eram essas, mas queria saber se não seria possível passar um dia sem atirar um no outro. O capitão concordou e então passaram até a manhã seguinte sem dar um tiro. Em agradecimento pela cerveja, Stockwell deu pudim de ameixa aos alemães. O acordo foi selado com brindes de cerveja.

Em St. Yvon, o 2º Tenente Cyril Drummond, da 135ª Bateria da Real Artilharia de Campanha, chegou ao seu posto de observação e ficou surpreso ao avistar alemães e britânicos do *Dublin Fusiliers* trabalhando tranquilamente no alto de suas trincheiras, sem que ninguém tentasse atirar um no outro. Era uma cena quase surreal. Um alemão então gritou para Drummond: "Venham aqui!". Ainda sem entender o que estava acontecendo, ele gritou de volta "Venha você aqui, se

quiser conversar!". O alemão então subiu no parapeito da sua trincheira e se aproximou. Ambos trocaram saudações. Não havia nenhum oficial alemão, apenas soldados rasos. Eles conversaram em francês, pois um não sabia falar o idioma do outro. O alemão disse "Nós não precisamos matar vocês e vocês não precisam nos matar, então por que atirar?" Eles então trocaram tabaco alemão por geléia e tiraram a foto abaixo.



Fuzileiros de Dublin e alemães, na "terra-de-ninguém", Natal de 1914.

O Capitão Sir Edward Hulse, do 2º *Scots Guards*, escreveu: "Às 8:30 h, eu vi quatro alemães desarmados deixar a sua trincheira e se dirigirem para a nossa. Eu mandei dois dos meus homens se encontrarem com eles, também desarmados, com ordens para que eles não ultrapassassem a metade do caminho entre as trincheiras, que distavam então de 350 a 400 jardas nesse ponto. Eram três soldados rasos e um padoleiro e o porta-voz deles disse que queria desejar a nós um Feliz Natal e esperava que nós, tacitamente, mantivéssemos uma trégua. Ele disse que havia morado em Suffolk, onde tinha uma namorada e uma bicicleta a motor. Disse também que não podia enviar uma carta para a namorada e pediu-me que enviasse para ele. Eu lhe dei um cartão postal e mandei que ele escrevesse em inglês, na minha frente, e enviei o cartão naquela noite.

Nós então começamos a conversar sobre todo tipo de assunto. Eu perguntei quais haviam sido suas ordens para encetar aquele encontro e ele respondeu que não havia nenhuma... estavam agindo apenas de boa vontade.

Eu mantive a conversa por cerca de meia hora e então os escoltei de volta até próximo de seu arame farpado, sempre procurando aproveitar ao máximo a oportunidade de observar o terreno e detalhes da posição inimiga, o que eu não tinha

podido fazer estando sob fogo. Nós trocamos cigarros e nos despedimos e eu me dirigi para o QG para reportar o ocorrido.

Quando retornei, pelas 10:00 h, fui surpreendido pelo som de cantorias e pelo fato de não haver um único homem nas nossas trincheiras. Eles estavam todos no descampado, contrariando minhas ordens. Ouvi trechos de *'Tipperary'*<sup>6</sup>, seguido logo depois pelo *'Deutschland Uber Alles'*<sup>7</sup> e, quando cheguei ao meu QG da Companhia, eu vi, para minha estupefação, não somente um grupo de cerca de 150 britânicos e alemães, na casa a meio caminho na direção oposta às minhas linhas, mas 6 ou 7 desses grupos, todos ao longo de nossas linhas, se estendendo na direção da 8ª Divisão, à nossa direita.

Eu me aproximei e perguntei se havia algum oficial alemão no grupo onde estavam meus homens e o barulho cessou. Havia dois, mas tinham que falar através de um intérprete, já que não falavam nem inglês nem francês. Eu expliquei a eles que tinha dado ordens estritas para manter os contatos no meio da “terra-de-ninguém” e sempre desarmados. E ambos concordamos que ninguém atiraria até que o outro o fizesse, criando um tipo de armistício (desde que estritamente observado).

Enquanto isso, escoceses e alemães estavam confraternizando da maneira mais genuína possível. Cada tipo de souvenir era trocado, endereços eram dados e recebidos, fotos de família eram mostradas, etc. Um dos nossos ofereceu um cigarro a um alemão, mas ele disse “Não, obrigado, eu só fumo cigarros turcos!” Todos nós demos uma boa gargalhada. O *Border Regiment* estava ocupando aquela seção no Dia de Natal e Giles Loder, nosso Ajudante, chegou com um grupo nessa manhã e, ouvindo as manifestações amigáveis na minha companhia, veio ver se podia haver um acordo para que enterrassemos os mortos abandonados na “terra-de-ninguém”. Os alemães concordaram e foi arranjado que o enterro seria feito a meio caminho entre nossas trincheiras. Ao todo, 29 corpos foram enterrados e Giles recolheu os objetos pessoais, livros de pagamento e discos de identificação, mas foi impedido pelos alemães quando quis recolher as suas armas”.

Um dos principais estímulos à trégua foi a necessidade de enterrar os mortos, de ambos os lados, que jaziam na “terra-de-ninguém”. Em um ponto da frente, soldados de ambos os lados realizaram serviços fúnebres em conjunto, com todos lendo juntos o salmo 23:

*“O Senhor é meu pastor e nada me faltará. Ele*

*me faz repousar em pastos verdejantes. Ele guia-me para junto de águas tranqüilas. Ele restaura a minha alma. Ele me leva na trilha da retidão pelo seu nome. Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo...”*

O 6º *Gordon Highlanders* organizou uma trégua fúnebre com o inimigo. Só depois que a lúgubre tarefa foi concluída é que a confraternização começou.

Um dos elementos mais pitorescos da “Trégua de Natal” é o futebol entre tropas inimigas na “terra-de-ninguém”. Existem várias histórias a respeito desses jogos.

O Tenente Johannes Niemann, do 133º Regimento da Saxônia, descreve uma partida que teve lugar no setor de Frelinghein-Houplines, próximo a Armentières, entre os saxões e os escoceses do *Scottish Seaforth Highlanders*<sup>8</sup> que os defrontavam. O solo congelado não foi problema e foram usados quepes como balizas. Os alemães ganharam por 3 a 2 (a partida terminou quando um oficial superior alemão soube do jogo e enviou ordens para pararem com aquilo).

Em 01/01/15, o *Times* de Londres publicou uma carta de um major do Real Corpo Médico em que dizia que no seu setor houve uma partida de futebol onde, coincidentemente, os alemães haviam ganho por 3 a 2. Há um relato de uma partida com o mesmo placar na frente do *Lancashire Fusiliers*.

O soldado Kurt Zehmisch, do 134º Regimento da Saxônia, registrou em seu diário: “Os ingleses arranjaram uma bola nas suas trincheiras e logo começou uma bela partida de futebol. Era tão incrivelmente maravilhoso quanto estranho”.

Na frente do *Bedfordshire Regiment*, alguém conseguiu uma bola e os soldados improvisaram então uma partida de futebol com os alemães que só terminou quando a bola furou ao atingir um obstáculo de arame farpado.

Em 1982, o soldado Ernie Williams deu uma entrevista à TV BBC sobre uma dessas partidas de futebol. Sua unidade estava então mantendo a linha próximo a Wulverghem (na Bélgica). “A bola apareceu de algum lugar, não sei de onde, mas veio do lado deles. Eles armaram os gols. Eu diria que havia umas 200 pessoas no jogo. Eu era muito bom no futebol naquela época, com dezoito anos. Todos pareciam estar se divertindo. Não havia nenhum tipo de más intenções entre nós. Não havia juiz, nem placar. Era apenas uma bagunça, nada como o futebol que você vê na TV. As botas que usávamos eram uma ameaça e,

<sup>6</sup> Popular marcha militar inglesa.

<sup>7</sup> Hino Nacional alemão.

<sup>8</sup> Os alemães ficaram chocados ao descobrir que os escoceses não usavam nada sob o “kilt”, o famoso saio escocês.

naquela época, as bolas eram de couro e logo ficavam muito molhadas”.

A trégua freqüentemente terminou como começou: por acordo mútuo.

O Capitão C. I. Stockwell, do *Royal Welsh Fusiliers*, cuja unidade havia confraternizado e recebido cerveja dos alemães, registrou como as hostilidades se reiniciaram: “Às 8:30 h do dia 26, eu disparei três tiros para o ar, ergui uma bandeira com os dizeres “Merry Christmas” e subi da trincheira. Os alemães levantaram uma placa com os dizeres “Thank you” e o capitão deles apareceu no alto da trincheira. Nós nos saudamos e retornamos às nossas trincheiras. Em seguida, ele fez dois disparos para o ar. A guerra havia começado novamente<sup>9</sup>”.

A guerra havia começado novamente e a trégua não tinha esperança alguma de ser mantida. Mesmo entre as tropas que haviam travado um contato tão íntimo com o inimigo e onde, possivelmente, já não existisse tanto ódio contra ele, não houve nenhum esmorecimento no desejo de vencer. Bruce Bairnsfather, famoso cartunista da 1ª Guerra Mundial, uma das testemunhas oculares da “Trégua de Natal”, escreveria depois que, apesar do ocorrido, “nem por um momento o desejo de combater e de derrotar o inimigo relaxou. Isso foi apenas o intervalo entre “rounds” em uma amigável luta de boxe”.



Outra foto registrando a “Trégua de Natal”.

Contudo, é importante notar também que a trégua não foi geral. Em vários pontos do front, atiradores continuaram a realizar o seu trabalho, unidades comandadas por oficiais de carreira recusaram toda e qualquer tentativa de trégua e a artilharia, mais na retaguarda e, portanto, afastada do contato com o inimigo, continuou a realizar barragens. A trégua foi mais incomum nos locais

<sup>9</sup> Uma fonte cita uma estória idêntica, mas tendo como protagonista o Capitão J. C. Dunn, oficial médico também do *Royal Welsh Fusiliers*.

onde havia, em pelo menos um dos lados, tropas de elite ou calejadas em combate. Nas frentes guarnecidas por tropas francesas e belgas, tais tréguas eram muito mais difíceis de ocorrer. Para eles, o Natal de 1914 era triste: seus territórios estavam ocupados pelos alemães e, para os franceses, as lembranças da derrota de 1871 e da perda da Alsácia-Lorena eram muito recentes para permitir uma aproximação com os odiados “boches”. Além disso, os franceses haviam iniciado uma ofensiva na Champanhe em 20/12/14. Os civis franceses, em particular, ficaram indignados ao tomar conhecimento da “Trégua de Natal” e chegou ao ponto de mulheres francesas cuspirem em soldados britânicos.

As populações dos países envolvidos ainda estavam determinadas a prosseguir com o conflito e confiantes de que o Ano Novo traria a vitória. No final das contas, a “Trégua de Natal” não teve efeito algum nos participantes ou no eventual curso da guerra.

Embora oficiais de alta patente condenassem formalmente a prática da trégua, outros oficiais preferiram fazer “vista grossa” ou aderir abertamente. Porém, as notícias sobre a trégua deixaram alguns estados-maiores apreensivos. Os comandantes britânicos Sir John French e Sir Horace Smith-Dorrien prometeram que não haveria tais tréguas novamente no futuro. Em todos os outros dias de Natal da guerra, foram ordenados bombardeios de artilharia para assegurar que não houvesse condições para novas confraternizações. As tropas também passaram a ser rodiziadas para evitar que se “familiarizassem” com os inimigos. Generais de ambos os lados declararam que gestos de confraternização seriam tratados como atos de traição e seus responsáveis seriam levados à corte marcial, mas foram raríssimos os casos de soldados serem realmente punidos. Ian Calhoun, um comandante escocês de uma unidade que havia participado da “Trégua de Natal”, foi levado à Corte Marcial e condenado à morte, mas a pena foi anulada pelo rei. Comandantes de ambos os lados ordenaram às suas tropas que reiniciassem as hostilidades e os soldados, às vezes relutantemente, como escreveu o soldado Percy Jones, da Brigada de Westminster, obedeciam “com muitos apertos de mão e mútua compreensão”. Por ocasião do Ano Novo, a “Trégua de Natal” estava quase extinta e, por abril de 1915, não existia mais em lugar nenhum. A máquina de matar estava novamente em pleno funcionamento. Até o armistício de 1918, milhões ainda haveriam de perecer.

À medida que a guerra prosseguia e se tornava sempre mais brutal, uma nova trégua como esta se tornava cada vez mais impraticável. Apesar disso, aconteceram outros casos de confraterni-

zação nos Natais que se seguiram, incluindo encontros na “terra-de-ninguém”, momentos de oração em conjunto (dirigidos por capelães) e alguns gestos de civilidade, mas nunca mais haveria algo tão generalizado.

De fato, não só nunca mais aconteceu nada parecido, como a “Trégua de Natal” ainda passou a ser encarada como uma lenda! Na época, ela foi muito divulgada na Inglaterra e um pouco menos na Alemanha, mas enquanto o governo britânico declarou que foram eventos isolados e sem importância, o francês e o alemão declararam simplesmente que não aconteceram, apesar de suas tropas terem feito relatos a respeito. Não havia repórteres no front cobrindo a trégua, nem fotógrafos, mas as notícias a respeito chegaram aos respectivos países de um jeito ou de outro. Não somente a “Trégua de Natal” aconteceu realmente, como foi mais ampla do que se acreditava a princípio.

A natureza extra-oficial da “Trégua de Natal” nos leva a crer que não existiu uma única razão para ela. Um ponto de partida para se compreender as suas origens pode ser o apelo do Papa Benedito XV, a 07/12/14, quando ele propôs uma trégua temporária para a celebração do Natal. Embora a Alemanha aceitasse, as outras potências recusaram.

Não existia nenhuma animosidade natural entre britânicos e alemães. Estes foram à guerra para defender sua cultura “superior” e aqueles para ajudar os franceses e os belgas a recuperar os seus territórios invadidos pelos “bárbaros hunos”. Os homens no front estavam cansados, frustrados e desanimados. Vivendo em condições tão miseráveis, em contato tão cerrado com o inimigo e com tão pouco senso de propósito, aos poucos surgiu um sentimento de simpatia para com os adversários que viviam em condições idênticas. Uma mentalidade de “viva e deixe viver” se estabeleceu ao longo da frente.

A trégua também foi um desenvolvimento lógico de tréguas menores que haviam ocorrido anteriormente, normalmente para recuperar e sepultar os mortos espalhados no campo de batalha. Havia ainda alguns acordos tácitos, esporádicos talvez, mas que existiram. Andrew Todd, um telegrafista do Real Corpo de Engenharia, escreveu em uma carta: “Talvez você se surpreenda ao saber que os soldados em ambas as linhas de trincheiras têm se tornado muito ‘parceiros’ uns dos outros. As trincheiras estão a somente 60 jardas em um ponto e, todo dia, na hora do café da manhã, um dos soldados levanta uma tábua no ar. Logo todo o fogo cessa e os homens de cada lado dividem sua água e rações... mas, quando a tábua é abaixada, o primeiro pobre diabo que mostrar mesmo que somente a mão,

receberia uma bala”.

Outro fator foi o fato de que os homens ainda estavam imbuídos de sentimentos civilizados. Os horrores de uma longa guerra sangrenta, a devastação e as intermináveis ruínas ainda não eram o lugar-comum. Não havia ainda as paisagens lunares provocadas por dias de bombardeio contínuo e os lugarejos ainda estavam de pé. Era então natural que os desejos de retornar a uma vida normal, onde não houvesse inimigos a matar, começasse a se desenvolver.

Às vezes, trocavam-se palavras rudes apenas como forma de entretenimento. O canto também era uma forma comum de comunicação. Muitas vezes, nas calmas noites de inverno, grupos de soldados cantavam hinos patrióticos ou canções populares, recebendo das trincheiras inimigas aplausos e pedidos de “bis”.

Com a aproximação do Natal, os sentimentos de paz e harmonia e o saudoso clima de festa começaram a ganhar força, com o estímulo da chegada de correspondências e pacotes de casa. Mesmo sem a cessação formal das hostilidades, familiares e amigos dos soldados no *front* queriam dar a eles um Natal “especial”. Enviaram pacotes com cartas, roupas quentes, comida, cigarros e medicamentos. Os ingleses receberam pudins de ameixa e as “Caixas da Princesa Mary”, uma caixa de metal gravada com a imagem da filha do Rei George V e cheia de chocolates, doces, cigarros e tabaco, uma foto da Princesa Mary e uma mensagem do rei às tropas: “Que Deus te proteja e que te traga em segurança para casa”. No outro lado, as tropas receberam o *Kaiserliche*, um grande barril de *Meerschaum*, e os oficiais, caixas de cigarros. Cidades e vilas, de países de ambos os lados, haviam organizado associações de apoio e enviavam ao *front* presentes, comida, roupas e cartas de agradecimento. Os belgas e os franceses também receberam presentes, embora não de forma tão organizada quanto alemães e britânicos.

Enfim, foi a combinação desses fatores (e de muitos outros) que tornou a “Trégua de Natal” possível.

Em 1984, o músico John McCutcheon lançou a música “Christmas in The Trenches” (Natal nas Trincheiras), baseado na “Trégua de Natal”, tornando a história, até então desconhecida, bastante popular nos EUA<sup>10</sup>.

Muitas estórias referentes à “Trégua de Natal” são disparatadas, confusas e contraditórias. Outras, escritas muito depois do ocorrido, são afetadas por lapsos de memória. Devido a esses inconvenientes, a sua verdadeira história talvez

<sup>10</sup> Para mais informações, acesse: [http://www.folkmusic.com/record/r\\_sols.htm#Christmas](http://www.folkmusic.com/record/r_sols.htm#Christmas)

nunca seja conhecida com precisão, mas é a sua natureza humana que a torna tão fascinante. Hoje, passados 90 anos, os pragmáticos vêem-na como uma pequena pausa na matança, movida pela época de sentimentos e lembranças de dias mais felizes, mas também como uma oportunidade de relaxar, de enterrar seus mortos e de melhorar as próprias posições. Os mais românticos vêem nela um símbolo da humanidade ainda não subjugada pelas realidades da guerra em escala industrial e um exemplo real da estupidez da própria guerra. Embora a “Trégua de Natal” hoje pareça um eco distante de uma época passada, estando nós mesmos vivendo num mundo em que os conflitos são alimentados por imensas diferenças culturais, fazendo com que tais tréguas se tornem praticamente impossíveis, ela permanece um símbolo de esperança. De fato, este talvez seja o mais importante legado desse episódio. Em nossa era de incertezas, é reconfortante acreditar, independente dos motivos reais, que soldados treinados para odiar, destruir e matar possam ainda baixar as suas armas e estender as suas mãos, num gesto de boa vontade, de paz e de amor, numa genuína demonstração do Espírito do Natal. Esse acontecimento é, certamente, a mais real, contundente e expressiva demonstração de que é possível a “Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade”.